

CARINARISSI

perdida

Um amor que ultrapassa as barreiras do tempo

CARINA RISSI

perdida

Um amor que ultrapassa as barreiras do tempo



Editora: Raïssa Castro
Coordenadora Editorial: Ana Paula Gomes
Revisão: Gabriela Lopes Adami
Projeto gráfico: André S. Tavares da Silva
Capa: AF. Capas

ISBN: 978-85-7686-306-9

Copyright © Verus Editora, 2013
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 55, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R483p

Rissi, Carina

Perdida [recurso eletrônico]: um amor que ultrapassa as barreiras do tempo / Carina Rissi. - Campinas, SP: Verus, 2013.
recurso digital: il.

Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-306-9 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônico. I. Título.

13-04455

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Para Adri e Lalá

Não é o tempo nem a oportunidade que determinam a intimidade, é só a disposição. Sete anos seriam insuficientes para algumas pessoas se conhecerem, e sete dias são mais que suficientes para outras.

– JANE AUSTEN, *Razão e sensibilidade*

Eu sabia que devia ter voltado para a cama assim que saí de casa e tentei pegar um táxi – era o dia de rodízio do meu carro. Eu devia ter voltado para baixo dos lençóis assim que aquele motorista idiota passou rente ao meio-fio e literalmente ensopou meus jeans dos joelhos para baixo.

Eu *devia* ter voltado!

Mas, em vez disso, respirei fundo e o insultei por uns dois minutos com todos os palavrões que eu conhecia. Ignorei, claro, os pedestres que me atiraram olhares reprovadores.

Não ficou melhor quando cheguei – vinte minutos atrasada – ao escritório e o imbecil, rechonchudo e desalmado do meu chefe me fuzilou com os olhos e depois disse com desdém:

– Além de chegar atrasada, você ainda aparece aqui usando essa roupa imunda? Você devia se vestir um pouco melhor, Sofia. Com o salário que eu te pago...

Ah, sim. Que salário!

Eu mal conseguia pagar minhas contas em dia. Trabalhava naquela empresa desde o estágio da faculdade. Depois que me formei, acabei sendo efetivada e, como não apareceu coisa melhor, me acomodei um pouco. Além disso, eu tinha um plano: Carlos já estava

esperando sua aposentadoria e eu tinha grandes chances de substituí-lo. Claro que, antes, teria que passar pela provação de suportá-lo até que isso acontecesse.

– Eu sei, seu Carlos – comecei. – Mas acontece que um motorista idiota passou...

– Ah! Chega de desculpas. Já estou farto delas. Acha mesmo que eu acredito em suas histórias? Não entendo por que ainda não te demiti! – ele arqueou uma sobrancelha desafiadoramente.

Porque eu sou a pessoa mais competente de todo este prédio, seu porco arrogante!

– Desculpa. Vou pra minha mesa agora mesmo pra compensar o atraso, tá bem? – E, sem esperar por mais um de seus ataques, marchei em direção à minha mesa, espiando sua reação pelo canto dos olhos.

Carlos ficou parado me encarando por um momento, bufou e depois saiu resmungando.

Tentei dissolver a pilha de papéis acumulada em minha mesa o mais rápido que pude. Era uma pilha considerável, mas eu era eficiente e terminaria tudo em pouco tempo.

No entanto, perto da hora do almoço, meu computador travou e depois apagou completamente. Tentei religá-lo, mas nada aconteceu. Estava morto!

Bati algumas vezes na máquina – tentando fazê-la voltar à vida por meio de tortura –, mas nem uma única luz acendeu.

– Preciso desses papéis na minha mesa até as cinco! – Carlos urrou da porta. Ele devia ter visto meu embate com a máquina.

– Eu sei! Mas não é culpa minha se o computador pifou. Como posso fazer todos os contratos sem ele?

Ele sorriu ironicamente e apoiou uma mão na porta.

– Como fazíamos antes de inventarem essas máquinas complicadas que sempre deixam a gente na mão.

Olhei para ele sem compreender. Do que diabos aquele homem estava falando?

Carlos notou minha expressão – cética, imaginei – e acrescentou:

– Você sabe que os computadores nem sempre estiveram aqui, não é? – ele disse devagar, como se eu fosse uma débil mental.

Grrrr!

– Claro que eu sei!

Eu preciso deste emprego! Não adianta nada pular no pescoço dele e estrangulá-lo!, repeti para mim mesma várias vezes. Contudo, não me convenci inteiramente.

– Então, mãos à obra, Sofia. Você tem até as cinco. A máquina de datilografia está no armário do almoxarifado. Ela não trava, não dá pau, o cartucho não acaba... Você vai gostar. É muito eficiente. Dá até saudades do tempo em que o escritório era preenchido pelo barulho dos botões. – Um sorriso cínico apareceu em seus lábios. Um sorriso que dizia *Você não vai conseguir!*

Vamos ver, careca! – e fui buscar a tal máquina. Era pesada e desajeitada para carregar. Coloquei-a sobre minha mesa e observei.

Hummm... Eu já tinha ouvido falar sobre ela.

Mas cadê o botão de ligar?

Experimentei uma tecla qualquer.

Tec. Tec, tec, tec, tec, tec, plim!

Plim? Será que eu quebrei esse troço? Ai, meu Deus! Só me faltava essa!

Joana, que ria alto, provavelmente da minha cara de pânico, saiu de sua mesa – duas atrás da minha – e veio ao meu socorro. Ela era a funcionária mais antiga da empresa, com certeza já tinha trabalhado com aquela coisa pré-histórica.

– Sofia, pare de olhar para a máquina com essa cara – ela disse, empurrando os óculos marrons com o dedo indicador. – Isso não é

um objeto alienígena.

– Não – concordei. – Se fosse, eu provavelmente saberia como usar. O problema é que... – Eu estava *mesmo* com medo daquela máquina barulhenta cheia de *tecs* e *plins*, mas precisava terminar meu trabalho. – Bem... Eu já *vi* uma dessas uma vez no Museu da Tecnologia, mas...

– Você não sabe usá-la – ela concluiu, ainda rindo, com as bochechas vermelhas.

As minhas também deviam estar vermelhas, mas de vergonha. Não existia programa algum de computador que eu não soubesse utilizar, sempre aprendia depressa assim que um novo aparecia. Mas aquela máquina ultrapassada...

– Eu nem sei ligar essa coisa! – sussurrei. Algumas pessoas nos observavam com olhos curiosos.

Joana explodiu em outra gargalhada e quase todos no escritório voltaram a atenção para onde eu estava. Devo ter ficado roxo-berinjela!

– É bem simples, Sofia. Você coloca o papel aqui. – Pegou um papel em branco, enfiou numa fenda e depois girou um botão enorme na lateral da coisa. *Rec, rec, rec, rec.* – Depois prende com isso. – Ela ergueu uma pequena e fina haste metálica, encaixou a folha e depois soltou a haste, prendendo o papel. – E pronto!

– Ah! Parece fácil!

Joana não pareceu acreditar muito na minha convicção. Voltou para sua mesa sacudindo levemente a cabeça, erguendo os óculos grandes para poder enxugar as lágrimas dos olhos. Que bom que pelo menos *ela* estava se divertindo!

Concentrei-me na máquina.

Experimentei digitar com certa cautela e percebi que nada saía no papel.

- Precisa apertar com mais força! - Joana gritou, ainda me observando. - Tem que fazer *tec*.

Tentei outra vez. Ah! Deu certo. As letras apareceram no papel.

Digitei - quer dizer, datilografei - algumas linhas, meio desajeitada, e parei. Observei o teclado atentamente. Não. Não estava lá.

- Joana, onde fica o delete?

Ela ergueu as sobrancelhas e abriu ligeiramente a boca.

- Como? - perguntou, como se eu estivesse falando em japonês.

- Não tem delete. Eu errei um número e não tô encontrando a tecla delete em lugar algum.

O escritório todo explodiu em uma gargalhada estrondosa, me deixando com vontade de me enterrar debaixo da papelada à minha frente.

Ugh!!!

Passei a tarde inteira tentando organizar a pilha de contratos, depois de receber uma rápida aula sobre como usar a máquina antiquada. Entretanto, o serviço não rendeu muito, já que ela era muito lenta. Ou talvez fosse minha falta de habilidade mesmo...

Como as pessoas conseguiram viver sem computador por tanto tempo? - pensei. Levaria dias para que eu conseguisse colocar em ordem meus e-mails, minha conta no Facebook e, bem provável, não conseguiria ler todas as postagens no Twitter. Teria que fazer isso assim que chegasse em casa. Ficar sem internet era como se *eu* deixasse de existir, não fizesse mais parte do mundo. Completamente isolada virtualmente.

Saí do escritório um pouco depois das seis com a cabeça estourando de tantos *tecs* e *plins* e *recs* - mas não sem antes ligar para o técnico e fazer com que ele me promettesse entregar meu computador no dia seguinte. Na primeira hora!

Peguei um táxi e, assim que entrei na avenida abarrotada de carros, ônibus e pedestres que insistiam em atravessar fora da faixa, me arrependi. Entretanto, não havia o menor perigo para os pedestres, pelo menos não àquela hora, com tudo absolutamente parado como estava. Eu chegaria em casa mais depressa se tivesse ido a pé também.

Mal entrei em meu apartamento e me lembrei de que precisava encontrar uma boa faxineira. Com urgência! Nada estava onde deveria estar. Roupas estavam jogadas por toda a mobília, canecas e copos espalhados pela superfície de quase tudo, pilhas e pilhas de papéis amontoadas desordenadamente em cima da mesa de jantar. O apartamento estava ficando pequeno para tanta bagunça.

Joguei as chaves e a bolsa sobre a mesa entulhada e fui tomar banho. Deixei a água quente escorrer por meu pescoço e minhas costas, esperando relaxar. E até que relaxei um pouco, na verdade. Vesti meu pijama e me joguei no sofá, procurando algo para me distrair enquanto meu jantar girava dentro do micro-ondas. Não encontrei nada na TV, então liguei meu mp3 e abri meu livro favorito. Meu livro *livro* mesmo, com capa e folhas de papel e tudo o mais. Não no tablet. Eu tinha vários livros eletrônicos, inclusive armazenados no celular, mas este em especial eu simplesmente não conseguia ler de outra forma que não fosse a tradicional. Ele tinha minhas páginas preferidas marcadas por orelhas e estava todo esfrangalhado, por já tê-lo lido tantas vezes. Eu não sabia explicar por que gostava tanto daquela história, mas era incrível poder me perder em séculos passados, costumes tão diferentes, roupas tão lindas, paisagens bucólicas e tranquilas, o amor sendo posto à prova pela ideia retrógrada de que pobres e ricos não se misturavam, o cavalheirismo, a delicadeza do primeiro amor... Glicose da boa!

Realmente não sabia explicar o motivo – já que eu não era uma romântica incorrigível –, mas eu adorava aquele livro. E ficaria meio

difícil me perder no século dezenove se estivesse lendo em um tablet.

Senti as juntas de meus dedos doerem quando terminei o jantar. Seria um alívio nunca mais precisar daquele trambolho centenário outra vez, pensei, enquanto jogava os pratos e talheres dentro da lava-louças.

Meu celular tocou.

– Você vai sair amanhã? – inquiriu a voz antes mesmo que eu conseguisse dizer alô.

– Oi pra você também, Nina. Como foi o...

– Você vai, não é? – ela me interrompeu apressada. – Não vai me enrolar outra vez, Sofia. Você sempre acaba arranjando uma desculpa pra não sair de casa. Amanhã você vai sair! – E a voz se tornou mais ameaçadora. – Nem que eu mesma tenha que te buscar à força! Ou posso pedir para o Rafa e os amigos dele passarem aí pra...

– Calma, Nina. Tá certo. Não precisa ameaçar. – Não queria nem imaginar Rafa e seus amigos trogloditas no meu apartamento minúsculo. Tremi só de pensar. – Tô mesmo precisando sair e beber alguma coisa. Essa semana foi um inferno!

Ela respirou fundo do outro lado da linha. Quase conseguia ver o bico que ela devia estar fazendo.

– Nem me fale! – Outro suspiro. – Por isso mesmo preciso que você saia com a gente amanhã. Quero te contar uma coisa.

Ai, Senhor! De novo?

– Brigou com o Rafa outra vez, Nina? – Honestamente, aquilo já estava passando dos limites.

– Não, não. Quer dizer, não muito. Mas não é sobre o Rafa. – Ouvei barulho de buzina ao fundo, seguido de um grito abafado de Nina: *Passa por cima, imbecil!* – Não é só sobre o Rafa que eu quero conversar. Olha, preciso desligar agora. A gente se vê amanhã lá no Oca, está bem? – Mais barulho de buzinas.

– Beleza. – Fiquei curiosa com o assunto misterioso da Nina.

Em geral, ela desatava a falar, mesmo quando eu explicava que não podia conversar porque tinha prazos a cumprir ou porque simplesmente estava no meio do banho. O que aquela maluca estaria aprontando dessa vez?

* * *

Acordei na hora certa, para variar. Graças a Deus era sexta-feira! Cheguei às oito em ponto ao escritório – sem manchas de lama, com a roupa perfeitamente limpa e passada – e quase gritei de alegria quando vi minha CPU no lugar de costume. Corri até minha mesa e me abracei ao monitor.

– Não me abandone nunca mais! – murmurei aliviada por não precisar mais da máquina torturadora de dedos.

– Tendo um caso com o computador, Sofia? Olha, você precisa usar alguma proteção, garota. Sabe como é... Pode acabar pegando um vírus! – Era Gustavo, o *engraçadinho*, é claro, gargalhando até perder o fôlego.

– Rá-rá – foi tudo o que eu disse a ele.

O dia no escritório transcorreu como sempre – sem um único minuto para pensar em como eu arrumaria uma faxineira e como ganharia mais dinheiro para poder pagá-la. Meu salário era digno de pena e o trabalho parecia nunca ter fim. Eu tinha que arrumar tempo para fazer um bico... Só não tinha tempo para arrumar mais tempo!

Saí do escritório, peguei meu carro no estacionamento e fui direto para o bar. O Oca ficava a três quadras dali. Foi meio demorado encontrar uma vaga, parecia que quase todo mundo tinha resolvido sair do trabalho e dar uma esticadinha em algum bar ali perto.

O telhado em um grande arco escuro, as pequenas janelas na fachada e uma grande porta em forma de U deixavam o bar parecido com uma oca indígena. Leo's Bar era o nome oficial, mas todo mundo o conhecia como Oca mesmo. Era bem simples, até mesmo em seu interior – as mesas e cadeiras de madeira rústica e sem verniz –, com exceção dos clientes, sempre descolados.

Contudo, eu não estava muito descolada. Ainda estava vestida com as roupas de escritório: jeans escuros e camisa branca de mangas curtas, os cabelos presos em um rabo de cavalo. Nem muito profissional, nem muito descolada, mas eu não podia furar com a Nina outra vez e não daria tempo de ir até em casa para me arrumar de forma mais casual.

E eu *queria* sair e me divertir um pouco. Estava ficando esgotada e minhas férias estavam muito, muito longe para que eu pudesse sequer começar a planejá-las.

– Nossa! Vai cair um pé-d'água! Olha só quem resolveu se juntar aos vivos – Rafa (sempre tão agradável!) praticamente gritou quando me viu, fazendo com que muitas outras pessoas no bar parassem o que estavam fazendo só para me observar.

– Eu *estou* viva, Rafa! – falei asperamente. – Só não tenho tempo pra sair quando eu bem entender. Eu trabalho, sabia? Você já deve ter ouvido falar a respeito. Algumas pessoas não nascem com a vida toda garantida e precisam ganhar seu próprio dinheiro.

Rafael sempre teve tudo do bom e do melhor, sem precisar se esforçar para isso. A família dele era dona de uma grande empresa de cosméticos, e me irritava um pouco – ainda que não fosse da minha conta – que ele nem se interessasse pelo negócio fundado tanto tempo atrás por sua tataravó. Em vez disso, ele decidira cursar educação física e seguir seu próprio caminho. Era uma pena que também não se esforçasse na profissão que escolhera e ficasse mais em casa, grudado

no videogame, do que em algum outro lugar suando a camisa para garantir uma grana.

– Ei! Foi só uma brincadeira. Dá um tempo! Não precisa me passar um sermão – reclamou, levantando as duas mãos grandes com as palmas para frente, como que se rendendo.

Eu realmente precisava beber alguma coisa. Estava começando a ficar implicante e mal-humorada.

Depois de mais ou menos uma hora – e quatro chopes, talvez? –, Nina aproveitou que Rafa tinha ido até a mesa de sinuca (para uma partida rápida, ele disse) para começar a falar.

– Quero sua ajuda. Sua opinião, na verdade – explicou, com os olhos verdes inquietos.

– Tudo bem. Desembucha aí. – Eu estava mais relaxada, o chope começando a agir no meu organismo.

Ela olhou rapidamente para Rafa e depois de volta para mim.

– Eu acho que... Acho que eu...

Seus olhos estavam ansiosos, meio inseguros. Ela parecia assustada.

Oh-oh!

– Meu Deus, Nina! Você tá grávida, não tá? – Fiquei gelada. Nina cuidando de um bebê! Um bebê que chora e vaza melega por vários orifícios diferentes. *O tempo todo!* Se bem que, se ela era capaz de suportar o Rafa, com seus quase dois metros de altura, resmungando e pedindo coisas o tempo todo, seria capaz de cuidar de um bebê de cinquenta centímetros e que, com certeza, reclamaria *muito* menos.

– Não! – gritou horrorizada. – Sofia, você ficou doida? Eu não estou grávida. – Seu olhar correu em direção ao Rafa para se certificar de que ele não tinha ouvido, e aparentemente ele não tinha.

– É que você... Eu pensei... que... que... Esquece o que eu pensei! Desculpa, Nina. Conta logo o que tá te deixando tão apreensiva.

Nina baixou a cabeça por um instante, observando seu copo quase vazio, e depois, com aquele sorriso que dizia “aprontei-outra-vez” nos lábios, se voltou para mim.

– Acho que vou convidar o Rafa pra morar comigo – ela soltou, quicando na cadeira, irradiando ansiedade e excitação.

– Ah! – Levei meu copo à boca e tomei um grande gole. – Hã...

Seu rosto delicado murchou um pouquinho.

– Eu sabia que você não ia gostar – murmurou, baixando os olhos e sacudindo levemente a cabeça, fazendo os cachos negros tremularem um pouco.

Olhei para ela, para minha amiga, minha melhor amiga, que muitas vezes foi uma irmã mais velha. Eu sabia que minha aprovação era importante para ela. Tentei parecer menos tensa do que na verdade estava.

– Não é isso. É claro que é... legal. *Muito* legal. – Tomei outro gole de chope. – É só que... Você tem certeza, Nina? Tem certeza que ele é o cara certo pra você?

– Tenho! – falou firme, o semblante sério, mas os cantos de seus lábios cheios teimavam em subir um pouco.

– Mas vocês dois vivem brigando! – constatei o óbvio. – Feito cão e gato! Já perdi as contas de quantas vezes você apareceu lá em casa chorando por causa dele.

– Eu sei, Sofia. Mas eu tô apaixonada por ele! Não quero ficar longe dele um minuto sequer! Você não vê isso?

Claro que eu via. Desde que conheceu o Rafa, Nina ficou maluca por ele. No começo, achei que ela tinha tirado a sorte grande agarrando um cara como ele – grande, forte, loiro, com olhos rápidos e brilhantes e um sorriso debochado –, mas, assim que engataram um relacionamento mais sério e ele começou agir de forma infantil, e às vezes até rude, mudei de ideia rapidinho.

- Eu sei quanto você gosta dele. Todo mundo sabe! Mas tem certeza que isso vai dar certo? - tentei falar de forma gentil. Não queria magoá-la dando minha verdadeira opinião sobre o Rafa.

- Não. - Nina sorriu. - Não tenho certeza. É claro que não! Não se tem certeza de nada quando se está apaixonada, Sofia!

- Ah, se tem sim! Dá pra ter certeza que seu coração será estilhaçado em um milhão de pedaços no final.

Tomei outro gole. Meu copo ficou vazio.

- Sofia! Não acontece *sempre* assim com *todo* mundo... - Ela viu meu olhar cético e continuou. - Não acontece! Existem pessoas que passam a vida toda juntas.

- Arrã!

- Existem sim. Além do mais, nós ficamos juntos o tempo todo, menos quando estou trabalhando. Metade das minhas coisas está na casa dele. Facilitaria muito se morássemos debaixo do mesmo teto, e já que meu apartamento é maior...

- E a outra metade das suas coisas está na minha casa, eu acho...

Humm. Esqueci de devolver a blusa verde que ela me emprestou para ir àquele fórum. E a saia. E os sapatos também.

Era uma sorte Nina ter quase o meu tamanho, sendo apenas centímetros mais baixa - porém ela era mais curvilínea que eu, fazia o tipo boazuda. Isso para não falar de sua pele cor de chocolate ao leite, linda e lisa, contrastando com os olhos de esmeraldas, que a deixavam parecida com uma deusa africana, enquanto eu tinha olhos castanhos e comuns, pele muito branca e sem graça, sem nenhum atrativo exuberante, e cabelos ondulados e indomáveis.

- Eu sabia que aquela blusa não tinha fugido da minha gaveta. - Nina era um amor. Sempre me socorria nas mais diversas emergências. As de moda inclusas. - Mas o que você acha?

– O quê? Sobre roupas fugindo de casa? Acho que faz todo o sentido. Tenho várias delas desaparecidas.

Ela bufou, estreitando os olhos.

– Você as encontraria se as dobrasse e guardasse em vez de jogar tudo de qualquer jeito. – Fiz uma careta. Ela continuou: – Mas não foi isso que eu perguntei.

Eu sabia disso. Sabia que ela estava perguntando sobre os dois morarem juntos. Não queria magoá-la e dizer que realmente achava uma péssima ideia, que toda essa baboseira de amor acaba assim que a rotina aparece. Que isso só servia para vender revistas e livros e que, na vida real, você sempre acabava sozinha com um buraco no lugar em que costumava ficar seu coração.

– Eu acho... – comecei cautelosa. – Eu acho que se você vai ficar feliz... Se isso vai te fazer feliz, eu também fico.

Ela pulou da cadeira e me abraçou forte.

– Obrigada, Sofia! Você sabe como é importante pra mim que você goste da ideia. Você é a única que não detesta o Rafael.

Nina tinha brigado com os pais logo depois que se envolveu com Rafa. Obviamente, eles também não tiveram uma boa impressão dele, e ela se recusou a terminar o namoro. Rompeu relações com os pais na mesma época em que perdi os meus num acidente de carro fatal. Foi um período muito... ruim. Nós nos apoiamos uma na outra e seguimos em frente. Sendo justa, Rafa também me ajudou naquela época. Nem sei o que teria acontecido se eu não tivesse os dois ao meu lado...

– Deixa disso! – eu disse, tentando aliviar o clima, que de súbito ficou mais pesado. – Vamos comemorar! Não é todo dia que uma amiga vai passar para o lado das seriamente comprometidas.

Ela me soltou e revirou os olhos.

- Ai, Sofia! Às vezes, você fala como se casamento fosse uma sentença de morte.

E não era?

Viver em função de uma única pessoa, como se sua vida só tivesse sentido com ela por perto? Acordar e olhar para a *mesma* pessoa todo santo dia! Sexo com somente uma pessoa pelo resto da vida! Ter que cuidar da casa, do marido, dos filhos, do cachorro, além de trabalhar... Não era um tipo de sentença de escravidão, pelo menos?

Eu não entendia o que levava uma pessoa lúcida a se casar. Se bem que a maioria não parecia gozar de plena sanidade quando estava apaixonada.

- Não é! - ela retrucou, provavelmente vendo a descrença estampada em meu rosto. - Tenho esperanças de que você encontre o cara certo um dia desses, sabia? Já tá na hora de viver uma história de amor de verdade e esquecer as dos livros. Acho que vai ser divertido ver como você vai se sair quando se apaixonar pela primeira vez.

- Eu já me apaixonei uma vez! E não tem nada de errado em gostar de ler histórias de amor, pelo menos nos livros elas têm final feliz! Não machucam ninguém.

Não gostei do rumo que a conversa estava tomando.

- Ah, não! Você não se apaixonou, não!

- Claro que me apaixonei! Você sabe disso.

Estávamos na faculdade. Já éramos amigas na época. Nina esteve do meu lado quando me envolvi com Bruno. Um desses idiotas por quem, *sabe-se-lá-por-quê*, acabei me apaixonando.

- Você não se apaixonou pelo Bruno. Você gostava dele, sentia atração por ele. Mas não amor. - Ela pegou um amendoim e mastigou. - Se você o amasse de verdade, não teria ficado tão tranquila quando o flagramos aos beijos com a Denise. - Ela se recostou na cadeira, o rosto triunfante.

– Só porque não fiquei chorando pelos cantos por décadas não significa que não estivesse apaixonada. Eu fiquei arrasada, sim! O que você queria que eu fizesse? Que me atirasse da ponte? Se ele quis outra, paciência. A fila anda! – Levei o copo à boca, mas estava vazio.

Droga!

– Exatamente! Se estivesse mesmo apaixonada, a fila demoraria um pouco mais para começar a andar. E você ficou arrasada porque foi trocada por outra, não por perdê-lo. Desista, Sofia. Não vai conseguir me convencer. *Quando* se apaixonar de verdade, vai me dar razão.

Não fazia sentido começar uma discussão com a Nina, ela não cederia. Nem eu.

Suspirei derrotada.

– Preciso ir ao banheiro. – O chope precisava sair. E eu queria que o assunto morresse. – Pede mais uma rodada pra gente comemorar.

Eu não estava bêbada – não muito. Dei algumas tropeçadas no caminho, mas isso até era meio comum para mim. Eu apenas estava *um pouquinho* mais devagar que o normal, tipo em câmera lenta.

Entrei no banheiro lotado e esperei minha vez. Praticamente me joguei dentro da cabine quando a porta se abriu. Desabotoei a calça em um ritmo frenético, me equilibrei meio em pé, meio agachada – não havia condições técnicas de me sentar ali – e... Ah! O alívio!

Foi então que ouvi um *ploct*.

Olhei para baixo bem a tempo de ver meu celular – com todos os meus contatos, minha agenda, minhas músicas – cair do bolso da calça, boiar por dois segundos e depois mergulhar dentro do vaso sanitário.



A luz do sol batendo em meu rosto me acordou. Levei alguns segundos para entender onde eu estava.

Ai, minha cabeça! Quanto eu bebi ontem?

Olhei em volta com os olhos semicerrados, o sol fazendo minha cabeça latejar ainda mais. Ah! Meu sofá. Minha sala. Meu apartamento.

Fiquei deitada por mais um tempinho tentando, sem sucesso, fazer desaparecer a sensação horrível em meu estômago. Ainda estava com as mesmas roupas da noite passada – porém sem os sapatos. Sentei-me lentamente, sentindo que talvez meu cérebro fosse explodir em milhares de pedaços. Fui até a cozinha e tomei dois copos grandes de água e um analgésico – talvez isso limpasse meu organismo e diminuísse o barulho dentro da minha cabeça.

Deixei a água quente do meu superchuveiro cair no rosto, enquanto a memória da noite anterior enchia minha mente latejante. Ao que parecia, a comemoração – que o Rafa não tinha ideia do que era, ainda, mas que comemorou com muito entusiasmo mesmo assim – tinha saído do controle. Era óbvio que eu tinha exagerado um pouco. Um pouco demais! Mas não era todo dia que sua melhor

amiga resolvia ser a *namorada* de alguém, infelizmente na mesma noite em que seu celular se afoga numa privada imunda.

Eu precisava comprar outro. *Urgente!* O que uma garota podia fazer sem seu celular?

Fechei o registro do chuveiro e fui me vestir. Dei uma olhada pela janela do quarto e aquela manhã de fevereiro parecia agradavelmente quente. Vesti roupas leves – regata branca, saia jeans e tênis de lona; não iria usar saltos numa manhã de sábado nem que a rainha de algum lugar exigisse, sob pena de cortar minha cabeça fora!

Dei uma última olhada no espelho, que agora mostrava uma imagem bem melhor que a de quando acordei – meu rosto pálido não tinha mais o tom esverdeado –, e passei as mãos nos cabelos para arrumar melhor minhas ondas. Não havia muito que eu pudesse fazer a esse respeito, meu cabelo tinha vida própria, não importava o que eu fizesse com ele. Havia desistido da briga fazia tempo.

Peguei minha bolsa e tomei mais água antes de sair de casa, ainda não era seguro comer. Esperava encontrar meu novo celular rapidamente. Daria um trabalhão colocar todos os meus dados e arquivos nele, já que não consegui enfiar a mão na privada e resgatar ao menos o cartão de memória do meu falecido aparelho.

Constatei, assim que saí do prédio, que o dia estava bastante agradável. O sol estava quente e confortável, e uma brisa suave trazia o perfume das flores da pequena praça próxima ao meu prédio. Um leve aroma de comida fez meu estômago se agitar um pouco, mas a náusea estava ficando mais suportável.

Passei pela pracinha e notei com estranheza que havia poucas pessoas ali. Normalmente, ela ficava cheia de ciclistas e pessoas fazendo exercícios, famílias com seus filhos correndo pela grama e até cachorros levando seus donos para um passeio matinal. Naquela

manhã, porém, estava quase deserta. Talvez porque já estivesse perto da hora do almoço, pensei.

Entrei na primeira loja que encontrei e fui direto para o balcão dos celulares. Estranhei ao ver que a loja também estava vazia, exceto por uma vendedora. Será que era feriado ou coisa assim e eu não estava sabendo?

Deixei o assunto de lado assim que olhei para a vitrine do balcão. Ah, tantos modelos, com tantas funções e ferramentas, tantas possibilidades ao meu alcance – desde que parcelasse no cartão de crédito, claro. Sentia-me como uma criança numa loja de brinquedos.

A vendedora se aproximou com um sorriso no rosto delicado.

– Procurando por algum modelo em especial, querida? – ela perguntou com a voz suave.

– Hum... Não. Nenhum modelo em particular, pra falar a verdade. Eu preciso de um celular que faça tudo.

Ela arqueou as sobrancelhas escuras.

– Tudo?

– É! Tudo. Mp3, wi-fi, 3G, fotografia e filmagem, agenda, alguns jogos, um bom programa de e-mail, essas coisas – dei de ombros, tentando não demonstrar como estava desesperada para ter um daqueles monstros em minhas mãos.

– Você precisa que o aparelho tenha todas essas funções? – ela indagou de forma curiosa.

– Precisar mesmo, eu não preciso. Mas se já existe um aparelho que tenha tudo, por que não comprá-lo e aproveitar o que ele pode me oferecer? – Eu ainda olhava para o balcão cheio de possibilidades brilhantes.

Ela suspirou. Pareceu-me uma desaprovação. Olhei para ela e seu rosto pequeno parecia *mesmo* me reprovar.

– Parece que você gosta muito de novas tecnologias. – E me lançou um olhar meio triste.

– Claro. Quem não gosta? Esta coisinha salva minha vida quase todo santo dia! – Quantos problemas, contratos, rescisões eu resolvi no último mês usando apenas o celular?

– Ok – ela disse devagar. – Talvez ele realmente salve algumas vidas em certas situações, mas acho um pouco exagerado dizer...

– Em todas as situações – eu a corriji. Tudo dependia do celular. O trabalho, os amigos, minha vida toda gravada na agenda. – Eu não saberia viver sem meu celular ou meu computador. – Pensei por um momento e acrescentei: – Ou o micro-ondas!

Eu ri e esperei que ela fizesse o mesmo, mas a vendedora, de cabelos e olhos cinzentos e bonitas feições, apesar da idade – uns cinquenta, talvez –, não achou graça na minha brincadeira. Seu rosto de repente ficou pesaroso e eu comecei a ficar um pouco tensa.

– Você tem o que eu quero? – perguntei levemente apreensiva.

– Talvez eu tenha *exatamente* o que você precisa – ela disse, mais para si mesma. Ou pelo menos foi o que me pareceu.

Ela abriu uma gaveta do balcão e retirou uma caixa pequenina. Prendeu minha atenção no mesmo instante.

– Este modelo não está na vitrine. Esta é a última unidade – falou, se aproximando mais.

Última?

– É um aparelho *muito* especial – ela continuou. Não desgrudei os olhos da caixa. – Muito especial mesmo! Apenas algumas unidades foram fabricadas. É muito raro!

Ah, droga! Raro significa caro.

– E este está na promoção. Um preço muito bom! Quase me sinto mal por vendê-lo a um valor tão baixo.

Humm!

– E parcelamos no cartão, claro. Além disso, ele possui tudo o que você deseja ou *precisa* – ela enfatizou a palavra com um sorriso esquisito. – É fantástico. Aposto que mudará sua vida, querida.

Eu observei a caixa nas mãos dela. As palavras “Everything You Need in Just One Click” me ganharam.

– Acho que vou levar.

– Tem certeza?

Eu a encarei por um momento. Estava ficando irritada com aquela mulher. Afinal ela queria ou não me vender o telefone?

– Tenho – confirmei, olhando em seus olhos cinzentos.

Uma expressão estranha cruzou seu rosto. Pena, tristeza e mais alguma coisa. Será que ela pretendia reservar o celular para outra pessoa – uma amiga – e agora teria que me vender a última unidade? Ou será que ela pretendia comprá-lo para si mesma? Mas, então, por que teria me mostrado o aparelho em primeiro lugar?

– Você não poderá devolvê-lo nem trocá-lo. Como eu já disse, este é o último aparelho.

– Ele está com algum defeito ou coisa assim? Tem garantia? – perguntei, um pouco desconfiada.

– Tem garantia, sim. E não tem defeito algum. Apenas por se tratar de uma peça única não poderá ser trocado, pois não existe outro similar a este.

– Mas ele funciona bem? – me certifiquei.

– Perfeitamente bem. Ele possui tudo o que você sempre *quis* na vida. Tenho certeza que ficará muito satisfeita. – E sorriu alegre.

Que mulher mais sinistra!

– Eu fico com ele, então.

– Ótimo! Vou te explicar como funciona. – Ela retirou o pequeno aparelho prateado da caixa.

– É tão lindo! – exclamei, incapaz de me conter.

– Sim, é mesmo – ela disse rapidamente, sem muito entusiasmo. – Veja, apenas dois botões, liga e desliga. Já vem com a bateria carregada, cartão de memória e o número. Você não poderá trocá-lo. Este aparelho só funciona com *este* chip.

– Beleza. – Meu antigo número boiava em algum lugar no esgoto naquele exato momento. – Ele é *touch screen*? – perguntei excitada.

– Sim. E as funções estão no manual, mas é bem simples de usar.

O aparelho era lindo. Todo cromado, a tela grande e escura, apenas dois pequenos botões embaixo dela. Muito mais bonito e moderno que o meu antigo.

– Onde eu pago? – Eu queria sair logo dali para poder *fuçar* nele.

– Aqui mesmo. A forma de pagamento será no cartão? – Humm... Ela ainda parecia relutante de alguma forma.

Aposto que ela pretendia ficar com ele!

Desgrudei, relutante, os olhos do meu futuro novo monstrinho para procurar meu cartão de crédito na bolsa. Remexi dentro dela e não o encontrei. Olhei nervosa para a vendedora, coloquei a bolsa sobre o balcão e tornei a procurar.

Batom, blush, chaves, absorventes, lixa de unha, camisinha – eu era uma mulher precavida. Nada de cartão. Continuei procurando, *tinha* que estar ali! A última vez que usei meu Visa tinha sido no almoço do dia anterior, e eu tinha certeza de tê-lo guardado de volta na bolsa.

Encontrei meu romance estropiado, remédio para dor de cabeça, minha nécessaire de higiene, caneta, elástico para cabelo, sachê de ketchup – *como é que isso veio parar aqui?*

Ah! Encontrei!

– Aqui está! – eu disse, triunfante, entregando o cartão a ela.

– Volto num minuto, Sofia – ela disse com um sorriso nos lábios.

Eu já ia voltar a atenção para o aparelho quando algo me pareceu fora do lugar.

Espera aí!

– Como você sabe meu nome? – perguntei com um pequeno sobressalto.

O sorriso dela desapareceu.

– Está escrito no cartão, querida – replicou sem hesitar.

– Ah – respondi um pouco desconfiada, pois me pareceu que ela não tinha olhado sequer uma única vez para o cartão.

Ela saiu e logo me distraí de novo olhando para o celular. Tão lindo e moderno! Tinha certeza de que caberiam mais de mil músicas nele. Isso era uma coisa muito importante para mim. Eu era movida a música. Quase que literalmente. Usava música para quase tudo: para me acalmar, para relaxar, só por ouvir, para tomar banho, para ler, para tudo. Às vezes, quando eu dormia, alguns sonhos tinham até trilha sonora. Música era importante assim para mim.

– É só assinar aqui – disse a vendedora, com aquela voz estranha e agradável.

Peguei meu cartão, assinei a notinha e a devolvi para ela.

– Tudo certo, então? – eu quis saber, guardando o cartão de volta na bolsa enquanto ela colocava a pequena caixa numa sacola.

– Tudo absolutamente certo. Espero que te traga a felicidade que procura. – E me entregou a sacola.

Sorri para ela.

– Ah, vai trazer, sim!

– Tenho certeza disso – a voz dela ficou séria e tão baixa que fiquei em dúvida se tinha ouvido direito.

– O que disse?

– Boa sorte, Sofia. Espero vê-la em breve – ela sorriu de novo e, quando o fez, seu rosto pequeno se tornou tão angelical, tão bonito,

que só pude sorrir em resposta e dizer:

– Claro! Até logo. – E saí da loja apressada.

Mulher estranha, pensei outra vez. Mas eu tinha coisas mais importantes para ocupar meus pensamentos do que a vendedora esquisitona que não conseguia se decidir se queria ou não fazer uma venda. Coisas muito importantes. Coisas como ligar meu celular *high-tech* novinho! Eu poderia esperar até chegar em casa, como uma pessoa normal faria, mas estava ansiosa demais para vê-lo em ação. Abri a embalagem, peguei o monstrinho e guardei a caixa dentro da bolsa de couro marrom para dar uma olhada no manual mais tarde. Joguei a sacola plástica numa lixeira da rua.

Deus abençoe o inventor das maxibolsas!

Segurei o pequeno aparelho prateado e apertei a tecla liga. Nada aconteceu. Virei o telefone em busca de algum outro botão, mas não encontrei nada. Apertei a tecla verde novamente.

Nada! *Mas que droga! Não me admira custar tão pouco. Não funciona!* Talvez fosse esse o motivo de a vendedora agir de forma tão estranha e relutante. Ela sabia que estava quebrado.

Cheguei à praça praticamente deserta e tentei mais uma vez.

Nada de novo!

Girei nos calcanhares para voltar até a loja e dizer umas coisinhas àquela vendedora esquisita, enquanto apertava freneticamente o botão verde.

Então, de repente, a tela se acendeu. Pouco a pouco foi ficando mais clara, até se tornar insuportável e eu não conseguir mais olhar para ela. Parecia que tudo ao meu redor estava envolto naquela luz absurdamente forte e branca. Cega pelo clarão, acabei tropeçando em alguma coisa e caí.

Aos poucos, bem devagar, a luz enfraqueceu e tentei ajustar o foco da minha visão, mas ainda não era capaz de enxergar nada. Alguns

minutos se passaram até que eu pudesse me recuperar. Quando finalmente meus olhos voltaram ao normal, pude ver a pedra em que meu pé se enroscou, a grama debaixo de meu corpo e a luz do sol – natural e confortável outra vez.

O que foi aquilo?

O celular devia ter pifado ou algo assim. E por que toda aquela luz? Parecia ter saído dele, mas não poderia ser isso, poderia? Nunca tinha ouvido nada sobre luzes ofuscantes nos novos aparelhos. Talvez ele tivesse entrado em curto.

Ainda no chão, olhei para o celular, que estava apagado outra vez.

Foi então que percebi que algo estava diferente. Muito, muito diferente! Olhei em volta com assombro. Meus olhos procuravam por qualquer coisa familiar. Qualquer coisa que deveria estar ali. Que deveria estar ali e não estava!